

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA
15 de Novembro de 2022

LA Balsa DE Piedra / 2002
(A Jangada de Pedra)

Um filme de George Sluizer

Realização: George Sluizer / Argumento: George Sluizer e Yvette Biro, baseado em *A Jangada de Pedra* de José Saramago / Direcção de Fotografia: Goert Giltay / Direcção Artística: Félix Murcia / Guarda-Roupa: Jany Temime / Música: Henny Vrienten / Som: Antonio Bloch e Peter Flamman / Montagem: Jan Dop / Interpretação: Federico Luppi (Pedro), Iciar Bollain (Maria), Diogo Infante (Joaquim), Ana Padrão (Joana), Gabino Diego (José), Antonia San Juan, Rebecca Tébar, Simon Chandler, Marques d'Arede, Manuel Galiana, etc.

Produção: MGS Film – Sogecine - Lusomundo / Produtor: George Sluizer / Produtores Executivos: Anne Lordon e José Mazedo / Cópia em 35mm, colorida, falada em português e espanhol com legendas em português / Duração: 117 minutos / Estreia em Portugal: 11 de Outubro de 2002.

A Jangada de Pedra foi a primeira adaptação ao cinema de uma ficção de José Saramago, quatro anos depois de a atribuição do Prémio Nobel ter exponenciado a nomeada internacional do escritor (e se o lembramos é porque há claramente um nexo entre o Nobel e o surgimento deste filme, co-produção entre holandeses, espanhóis e portugueses, mais ou menos por esta ordem). Filme “inaugural”, portanto, inaugurou também a tradição da má sorte dos livros de Saramago com as suas adaptações cinematográficas: todas as que se seguiram, mesmo as produções mais vistosas (ou sobretudo as mais vistosas: o **Blindness** de Fernando Meirelles é um desastre total e o **Homem Duplicado** tal como filmado por Denis Villeneuve não fica longe de o ser) ficaram a uma considerável distância de fazerem justiça à escrita do autor português, numa “maldição” só parcialmente quebrada (“parcialmente”, porque nem se trata de um dos mais conseguidos filmes do realizador) pelo **Ano da Morte de Ricardo Reis** que João Botelho estreou recentemente.

Pelo facto de se tratar de um escritor português, ter actores portugueses e rodagem, em grande parte, em Portugal, considera-se por vezes que esta **Balsa de Piedra** é um filme português. Tecnicamente, sê-lo-á (ou co-sê-lo-á, por via das regras das co-produções), mas os seus mentores são essencialmente holandeses (realizador, argumentistas, director de fotografia, músicos). Foi um projecto de George Sluizer (1932-2014), realizador holandês que passou a maior parte da carreira num relativo anonimato só intermitente cortado (o sucesso do seu filme de 1988, **Spoorloos**, depois refeito em Hollywood com o título de **The Vanishing**), e que a certa altura, mais ou menos fortuitamente, se cruzou

com o cinema português (**Mortinho por Chegar a Casa**, em 1996, assinado em parceria com Carlos da Silva).

Adaptar a escrita de Saramago é difícil, evidentemente, porque nela (sobretudo nas alegorias como a que subjaz à **Jangada**) a “forma” e a “narrativa” estão tão imbrincadas que tratá-lo como um “fornecedor de histórias” arrisca ter como resultado ficar-se apenas com uma versão anedótica, esqualida e esquemática, do romance. Surpresa, surpresa, é exactamente isso que acontece aqui. Nenhuma intenção, que se vislumbre, de conceber um filme que responda à escrita de Saramago, ou meramente a reconheça. Nada disso, apenas uma versão espremida do romance, tão espremida que fica apenas com a sombra da história – a separação da Península Ibérica do resto da Europa – sem ter nenhuma ideia de como a tratar para além de a envolver numa espécie de naturalismo poético bastante desenxabido (para sermos suaves). É um filme que apequena o romance, para não dizer que o destrói completamente, e sempre foi difícil perceber a espécie de orgulho com que o filme foi recebido em Portugal (ou não é nada difícil de perceber: é aquele provincianismo cultural português, ainda mais grave quando se passa da literatura ao cinema, embevecido por uma “grande produção internacional” se interessar pelo “nosso escritor”). A versão Sluizer não fica apenas com a anedota do livro (tornando a delicadeza da alegoria de Saramago num traço grossíssimo e caricatural a desenhar a oposição entre o norte e o sul da Europa, e conseguindo a “proeza” de tornar todos, os europeus do Norte e os do Sul, em “cartoons” com muito de patético e nada de feroz), transforma a história do livro numa colecção de anedotas sem espessura nem profundidade, filmada com a indiferença tosca de um telefilme amadorístico. Faz sentido vê-lo num contexto de “Saramago no cinema” (até como “cautionary tale”...) mas é um objecto condenado a um justo esquecimento.

Luís Miguel Oliveira